



---

## Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva

Marcello Paniz Giacomoni (UFRGS)

Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)

**RESUMO:** Pretendo, ao longo deste artigo, compreender parte da trajetória do método da história arqueológica, construído por Michel Foucault ao longo das suas quatro primeiras obras, analisando em especial a obra *Arqueologia do Saber*. Nesta leitura, explicitarei alguns dos principais conceitos foucaultianos, como o de discurso, enunciado e saber, para deter-me, em especial, na noção de formação discursiva, conceito este apropriado pela Análise do Discurso (AD). O resultado desta leitura, através da explicitação das quatro categorias possíveis para a formação discursiva, ajuda a compreender com maior densidade a noção central das análises, tanto de Foucault, quanto da AD, ou seja, do discurso.

Palavras-chave: Foucault; Arqueologia do Saber; Formação Discursiva; discurso

### Introdução:

Por que Foucault? Tal questão já norteou um número bastante diversificado de reflexões, que visaram aos mais variados objetos e análises. Mas o que na obra de Foucault tanto cativa o nosso pensamento e reflexão? Uma pequena auto-imagem pode nos ajudar: em meados dos anos 1980, no processo de reedição do *Dictionnaire des Philosophes*, o verbete “Foucault” acabou sendo escrito quase inteiramente pelo próprio Foucault. Neste verbete Foucault se insere na tradição crítica de Kant, criando uma *história crítica do pensamento*. E ele definirá esta “ciência” como a busca por uma forma de desvelar quais são os processos de subjetivação e objetivação que tanto constituem o sujeito, quanto o tornam objeto do conhecimento. E, além disto, acompanhará as suas análises a percepção de que estas relações entre sujeito e objeto constantemente se modificam, evoluem, dentro dos discursos científicos e jogos de saber que constituem, por exemplo, as próprias ciências humanas (PETERS e BESLEY, 2008, p. 16-17). Talvez a permanente busca por estas respostas tenha tornado o pensamento de Foucault tão inquietante e vivo, e tão potencialmente importante para nossos estudos históricos.

Ao longo deste artigo analisarei uma entre as numerosas obras de Foucault, a *Arqueologia do Saber*. Obra determinante do que alguns comentadores denominam a segunda

fase do pensamento foucaultiano<sup>1</sup>, preocupado sobremaneira com as questões relativas às “estruturas” que constituem os conhecimentos e os saberes, não necessariamente científicos. Segundo Roberto Machado (1982), um dos maiores pesquisadores brasileiros em Foucault, só é possível compreender a *Arqueologia* em um *continuum* em relação às três obras anteriores.

Na primeira destas obras, a *História da Loucura*, publicada em 1961, Foucault percebe o nascimento do objeto “loucura” em meio a uma ampla gama de discursos, que historicamente permitem seu aparecimento. Foucault chama essa análise de “percepção”, onde a relação teórica e prática estabelecida com o louco é intrinsecamente ligada aos processos de exclusão institucional. Ou seja, o processo de enclausuramento, que em um primeiro momento pautou-se por premissas morais, permitiu uma primitiva “percepção” da loucura, que se desenvolverá em formulações de conhecimento e saber (FOUCAULT, 1997: 407). Outro ponto da análise é o clareamento da noção de descontinuidade. Nada pressupõe, como Foucault nos diz, que haverá um princípio linear entre uma primeira percepção da loucura, e a posterior formulação “científico-conceitual” da mesma. Muito pelo contrário, a história da loucura conheceu dois grandes processos de ruptura<sup>2</sup>, sem contar as próprias heterogeneidades existentes no seio de cada período, que constroem experiências bastante diversas entre si (MACHADO, 1982: 84-95).

No seu livro posterior, *O Nascimento da Clínica*, de 1963, Foucault prossegue as análises arqueológicas, deslocando todavia seu objeto: não mais a doença mental, mas a própria doença; não mais a psiquiatria, mas a própria medicina moderna, a partir do século XIX. Ao contrário das tradicionais histórias da medicina, o método foucaultiano não explica o nascimento da medicina moderna por uma oposição entre teoria e experiência, mas sim do deslocamento de um olhar de superfície, que se limita à visibilidade dos sintomas, para um olhar de profundidade, que transforma o invisível em visível através da investigação do organismo doente (MACHADO, 1982, p. 115). Em suma, é a mudança da forma de visibilidade, do olhar, e sua linguagem, em relação intrínseca com a experiência médica. É a partir das relações entre olhar e linguagem que o método foucaultiano procurará dar conta das rupturas que afetaram o conhecimento médico, procurando desvendar aquilo que mais profundamente caracteriza e possibilita tal forma de conhecimento.

Já no terceiro livro desta “série”, *As Palavras e as Coisas*, de 1966, o interesse de Foucault passa a ser as Ciências Humanas. Nesta obra, Foucault pretende demonstrar a operação de algumas mudanças: enquanto na época clássica a história natural, com suas análises sobre os seres vivos, as gramáticas, com os estudos das gramáticas gerais, e os fisiocratas, com os estudos das riquezas, fixavam suas análises ao nível das representações, as novas ciências empíricas que sucedem estes discursos vão produzir uma mudança radical. Estas chamadas “ciências empíricas”, a biologia, economia e filologia, modificam não apenas seus objetos específicos de conhecimento, mas a própria condição do homem como objeto do conhecimento. Este homem não é mais visto segundo a lógica das representações, mas como o próprio objeto a ser estudado e desvendado por estas ciências. A filosofia kantiana oferece uma outra modificação no estatuto do homem, onde uma filosofia transcendental por ele desenvolvida transforma o sujeito no fundamento de uma síntese possível entre as representações (MACHADO, 1982: 139). Ele é, por um lado, objeto do conhecimento; por outro, é o fundamento último de onde parte a construção dos conhecimentos. Isto significa,

---

<sup>1</sup> Dreyfus e Rabinow (apud PETERS, 2008, p. 16) sistematizam a trajetória de Foucault em quatro fases: 1) “heideggeriano”, tipificado pelo estudo da loucura de da razão; 2) arqueológico ou quase-estruturalista, onde as grandes obras são a *Arqueologia do Saber* e *A Ordem das Coisas*; 3) genealógico, cuja mudança em relação ao anterior é marcada pela obra *Vigiar e Punir*; 4) ético.

<sup>2</sup> Entre o renascimento (XVI) e a época clássica (XVII, XVIII), e posteriormente entre a época clássica e a modernidade (XIX).

em termos práticos, a própria invenção do homem.

A tese de Foucault é de que as Ciências Humanas (sociologia, psicologia e análise da literatura e dos mitos) surgem exatamente na distância que separa os níveis empírico e transcendental, que para Foucault é o espaço da representação. Não a representação da época clássica, pautada pela busca de uma ordem em termos de igualdades e diferenças, onde o quadro de signos é a própria imagem das coisas; mas sim como um “fenômeno de ordem empírica que se produz no homem” (FOUCAULT apud MACHADO, 1982, p. 144). Ou seja, a representação é um produto da consciência do homem, diferente do próprio homem, mas que não deixa de manter uma relação de indissociabilidade com as coisas, que se encontram em outro nível.

Este é, sem dúvidas, um dos conceitos mais importantes para os estudos culturais em História, e tem em Foucault um de seus formuladores. Esta teorização é clara nas palavras de Roberto Machado (1982, p. 145):

A representação que o homem se faz a partir deles [objetos das ciências empíricas] não é um aprofundamento daquilo que são esses objetos mas, pelo contrário, seu avesso, sua marca negativa. Os homens, pelo fato de viverem, trabalharem e falarem, constroem representações sobre a vida, o trabalho e a linguagem: essas representações são justamente os objetos das ciências humanas. As ciências humanas estudam o homem enquanto ele se representa na vida na qual está inserida, sua existência corpórea, a sociedade em que se realiza o trabalho, a produção e a distribuição, e o sentido das palavras.

Por fim, a análise arqueológica de Foucault se debruçará sobre os principais pares conceituais destas Ciências Humanas: a função e a norma, o conflito e a regra e a significação e sistema como constituintes primordiais da psicologia, sociologia e estudo da literatura e dos mitos, respectivamente<sup>3</sup>. Segundo Foucault, estes pares se relacionam com os objetos empíricos por um lado, e com uma filosofia transcendental por outro. É a interação dos dois conceitos, ao mesmo tempo, nas respectivas Ciências Humanas, que as dota de singularidade enquanto tal. A definição desta interação é o objetivo principal da análise arqueológica em *As palavras e as Coisas*.

Ao final deste livro, o método da história arqueológica de Foucault já está melhor delineado. Foucault diz, a partir deste livro, que toda forma de saber possui uma positividade, que não está condicionada a cientificidade e que não pode ser julgada por uma referência que não seja o próprio saber. Este elemento será central na obra subsequente, *Arqueologia do Saber*, que terá como objetivo especificar um método de investigação que visa entender a ordem interna que constitui um determinado saber. Muitas vezes, para determinar um saber, a análise arqueológica tem de transitar por diferentes formulações conceituais, pertencentes a diferentes saberes.

### *A Arqueologia do Saber:*

Todavia o *Arqueologia do Saber* não é apenas a formulação de um método destas pesquisas anteriormente realizadas, e muito menos apenas uma proposta para as próximas pesquisas. Ele encerra uma fase, até certo ponto dotada de características próprias. O interesse de Foucault centra-se no discurso real, pronunciado e existente como materialidade. A definição de todo seu método se construirá na definição dos principais objetos: o discurso, o

<sup>3</sup> Para uma visão mais completa das formas de diálogo entre os pares de conceitos e as formulações das ciências empíricas e a filosofia, ver: MACHADO, 1982, p. 145-148.

enunciado e o saber. Por correlato, ele inaugura, ao menos em termos de método, uma nova história:

(...) em nossos dias, a história é o que transforma *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento. (FOUCAULT, 2009, p. 8)

Ou seja, uma forma de fazer história que eleva tudo aquilo que as pessoas disseram e dizem ao estatuto de acontecimento. O que foi dito instaura uma realidade discursiva; e sendo o ser humano um ser discursivo, criado ele mesmo pela linguagem, a Arqueologia é o método para desvendar como o homem constrói sua própria existência. Nesta lógica, os sujeitos e objetos não existem a priori, são construídos discursivamente sobre o que se fala sobre eles. O corpo, por exemplo, só passou a existir a partir das modificações discursivas da passagem da Idade Média para a modernidade. Com o desenvolvimento da patologia, o corpo passa a ser percebido como um conjunto de órgãos, e a Medicina passa a discursivizá-lo, ou seja, a formular práticas e efetuar dizeres sobre ele.

Este ambicioso método por Foucault proposto se assenta firmemente em alguns conceitos centrais por ele manejados, e que dão o vértice das suas análises. Tais conceitos são, de certo modo, pouco familiares na historiografia, mesmo de nossos dias: discurso, prática discursiva, enunciado, formação discursiva e saber, entre os principais.

O primeiro destes conceitos, imprescindível para a formulação teórica foucaultiana, merece agora ser explicitado: o discurso. Foucault o define, de maneira melhor acabada, apenas na *Arqueologia do Saber*, como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”; este conjunto é limitado a um certo número de enunciados, além de ser “histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.” (FOUCAULT, 2009, p. 132-133). Os discursos, como dito acima, possuem um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua realização. Um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, faz uso dos enunciados de determinado campo discursivo segundo os interesses de cada trama momentânea. Por exemplo, o enunciado de um psiquiatra visando diagnosticar a doença mental, ou do pedagogo para aferir a aprendizagem de uma criança. Além destes elementos, há outro central: a compreensão de que o discurso é uma prática, que constrói seu sentido nas relações e nos enunciados em pleno funcionamento.

Esta prática discursiva se define como um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p. 133). Ou seja, é a relação do discurso com os níveis materiais<sup>4</sup> de determinada realidade. Estabelecido como um regime de prática, os

---

<sup>4</sup> Por realidades/níveis materiais defino, a partir de Foucault (2009, p. 133), os níveis da linguagem, do social, do político e do geográfico.

discursos são analisados a partir dos documentos, entendidos como monumentos; a leitura arqueológica procede então a delimitação das regras de formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos, dos termos e das teorias com o objetivo de estabelecer o tipo de positividade que os caracteriza. Essa positividade é a de um saber, não de uma ciência<sup>5</sup>. Os saberes são, em muitos momentos, independentes das ciências, já que encontram suas regras de formação nos mais variados campos discursivos; entretanto todas as ciências se localizam em campos do saber (MACHADO, 1982, p. 154).

Outro conceito fica em aberto na definição acima: o enunciado. Em um primeiro momento, podemos denominar enunciado a qualquer frase ou proposição. É, todavia, mais do que isso. Foucault define enunciado como uma função de existência, que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis, e as faz aparecer com conteúdos concretos, no espaço e no tempo. Não podemos ligar o enunciado a uma frase já que a ligação entre enunciado e aquilo que ele enuncia (o referencial) é variável, segundo as realidades materiais no espaço e no tempo. Além disso, existe uma diferença entre enunciado e enunciação, só existindo enunciado quando o mesmo possui possibilidade de repetibilidade, diferente de uma frase proferida (uma enunciação), que não poderá ser repetida. Desta forma, o enunciado depende de uma materialidade, que é sempre de ordem institucional, no sentido de uma estrutura de poder (MACHADO, 1982, p. 151-152).

#### *A Formação Discursiva:*

Retomando agora a proposta de Foucault, esta nova história, centrada no entendimento das ideias e do pensamento, busca sobremaneira os discursos que tornam estas mesmas ideias e pensamento possíveis. Sendo que a crítica de Foucault recai, como nos diz Lisandro de la Fuente e Luciana Messina (2003), sobre os grandes temas da história das ideias<sup>6</sup> (a unidade, a continuidade, a totalidade e a origem), ao tratar os documentos como restos arqueológicos, Foucault entra na profundidade<sup>7</sup> destes monumentos para buscar suas regras de formação, as regras que tornaram possível a própria existência do objeto. Estas regras, a partir de suas críticas, encontram-se em processos de descontinuidade e dispersas no nível dos enunciados.

Tendo por base a “constatação” da existência dos processos de descontinuidade e da dispersão enunciativa, o objetivo que perpassa todo o *Arqueologia* será uma busca pelo entendimento de como certos campos complexos do conhecimento, como a medicina, a gramática e a própria ciência, puderam tomar forma e existir enquanto tais. Para compreender como se efetuam as relações entre os enunciados nos campos de saber, Foucault lança mão de

---

<sup>5</sup> É interessante ressaltar que a história arqueológica não apresenta incompatibilidade com uma história epistemológica, preocupada com a formatação dos discursos científicos. Segundo Machado (1982, p. 155), a partir de Foucault, é possível efetuar uma distinção entre um limiar de cientificidade, que apenas alguns discursos alcançaram, e um limiar de positividade, indispensável para a própria existência e funcionamento de qualquer discurso. Enquanto a epistemologia normativa estabelece a legitimidade (ou a falta dela) de um determinado discurso, a arqueologia interroga as condições de existência dos discursos, até mesmo dos científicos.

<sup>6</sup> A partir do que nos diz Roberto Machado (1982, p. 151-154), a crítica de Foucault recai de três formas na tradicional história das ideias, via de regra representacionista e ligada a concepções transcendentais do conhecimento: 1) permanece exterior aos saberes estudados, buscando suas origens, motivos e causas; são factuais, incapazes de dar conta ao nível dos conceitos; 2) procura sempre a existência de teorias contraditórias entre si; para Foucault, esta contradição fica no nível superficial, já que ao nível arqueológico o saber tem uma base homogênea; 3) é continuista e retrospectiva, estabelecendo um percurso lógico entre saberes discordantes; ao nível conceitual, para a arqueologia, a história é descontínua.

<sup>7</sup> Foucault estabelece, em *As Palavras e as Coisas*, uma diferença entre superfície, onde apenas as opiniões são apreensíveis, e a profundidade, onde as os processos de formação dos discursos acontecem.

quatro hipóteses: 1) o conjunto se refere ao mesmo objeto; 2) as relações se definem pela forma e tipo de encadeamento, ou um “estilo”; 3) grupos de enunciados a partir de sistemas de conceitos permanentes; 4) encadeamentos por um eixo de temas. Foucault as lança, para logo após refutá-las. E as refuta pois nenhuma delas encerra na totalidade a construção dos grupos de enunciados, ou seja, dos discursos. Por exemplo: não é a unidade do objeto “loucura” que constitui a unidade da psicopatologia, ao contrário, o objeto é que foi construído pelo que se disse sobre ele; não é o “estilo” de um encadeamento de enunciados, já que eles podem (e são) heterogêneos; não há uma “arquitetura conceitual” homogênea, já que outros conceitos surgem, muitas vezes contraditórios; muito menos um mesmo tema forma um discurso, já que estes temas podem surgir simultaneamente em dois ou mais discursos, como é o caso do Evolucionismo, que aparece na História Natural do século XVIII e na Biologia do século XIX. (FOUCAULT, 2009, p. 33-43).

Se existem tantas renúncias, como então compreender a maneira pela qual estes discursos são formados? É a resposta que Foucault dá a esta questão que procurarei esmiuçar com maior densidade a partir de agora: o conceito-noção de *formação discursiva*. Para elucidar, creio que as próprias palavras de Foucault (2009, p. 43) sejam reveladoras:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (...).

Ou seja, a proposta de Foucault vai na direção de buscar as regularidades que existem por trás da dispersão de elementos (dispersão com um sentido também de diferença), regularidades estas que são resultado de um processo de formação discursiva. É interessante citar a contradição alertada por Dominique Maingueneau (2007, p. 64-65), entre uma simultânea existência de um processo de dispersão e de um processo de regularidade discursiva. É esta contradição, a meu ver, que a noção de formação discursiva procura resolver.

Retomando as quatro teses iniciais de Foucault, percebe-se que as renúncias efetuadas não se ativeram à existência dos agrupamentos, mas sim quanto à forma como estes se relacionam na formação de determinado discurso. As categorias são retomadas por Foucault, mas com características relacionais diferentes: objetos, tipos de enunciados, conceitos e estratégias serão novamente pensados não como elementos que encerram determinado discurso, mas que, em determinado momento no tempo, podem ser relacionados entre si para formarem uma prática discursiva. Além disso, cada análise se deterá de forma mais densa a determinado grupamento, dentre os quatro acima descritos. Por exemplo, na *História da loucura* o objetivo era definir as regras de formação dos objetos, visando individualizar o discurso da loucura; no *Nascimento da Clínica* o interesse eram os tipos de enunciação do discurso médico, procurando definir a regularidade; no *As Palavras e as Coisas*, estudou as regras de formação dos conceitos, procurando definir a inter-relação entre os saberes (FOUCAULT, 2009, p. 72).

Em um trecho da *Arqueologia*, retomando as pesquisas desenvolvidas na *História da Loucura*, Foucault explicita a historicidade da loucura. No século XIX, a psiquiatria surge como uma novidade, não se relacionando com o que se chamavam de “males da cabeça” ou “doenças nervosas”. O surgimento da psiquiatria produziu uma perceptível modificação nos conceitos, temas, jogos de relações entre a hospitalização, internamento, regras de exclusão social, regras de jurisprudência, normas do trabalho industrial e da moral burguesa, etc;

“enfim, todo um conjunto que caracteriza para essa prática discursiva e a formação de seus enunciados.” (FOUCAULT, 2009, p. 200-201). Esta arqueologia procede não apenas sobre textos da ciência, mas também em textos jurídicos, na literatura, na filosofia, nas decisões políticas e na vida cotidiana. Uma determinada formação discursiva transita sob os mais variados campos e níveis, visando constituir seu objeto específico. Desta forma, o objetivo subsequente da análise foucaultiana é desvendar o funcionamento das regras de formação de cada formação discursiva em particular, buscando a regularidade em meio a dispersão. E estas regras passam pela descrição dos quatro níveis de constituição discursiva.

Os objetos devem ser definidos sob diversos aspectos. Primeiramente, são históricos, não se podendo dizer qualquer coisa em qualquer época. Estes objetos não preexistem a eles mesmos, só surgindo sob “as condições positivas de um feixe complexo de relações.” (FOUCAULT, 2009, p. 50). Estas relações se estabelecem entre “instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (FOUCAULT, 2009, p. 50), que todavia não tecem a trama do objeto, mas apenas o permitem aparecer, já que estas relações, como dito nas palavras acima, não são internas ao discurso. Elas estão no limiar do discurso, determinando o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de determinado objeto (idem, p. 51). Estas relações, em movimento, caracterizam o próprio discurso enquanto prática. Em termos de análise, todo e qualquer objeto (ex: loucura, medicina, gramática, economia, etc.) deve ser “relacionado ao conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico.” (FOUCAULT, 2009, p. 53).

Para os tipos de enunciados, parte-se diretamente da recusa inicial. Para Foucault, não é um estilo enunciativo que encerra determinado discurso. Para comprovar, cita o exemplo da medicina clínica, composta por uma variada gama de tipos enunciativos (descrições qualitativas, narrativas biográficas, demarcação, dedução, estimativas estatísticas, etc.) (idem: 58). Se não existe uma forma única, é preciso então descrever uma coexistência destes enunciados dispersos visando buscar sua articulação e determinar as regras que permitem a existência de enunciações diversas. Estas regras remetem a questões como: 1) quem fala?; quem, entre todos os sujeitos falantes possui legitimidade para enunciar; 2) de quais lugares institucionais ele obtém o seu discurso?; de qual lugar advém tanto os objetos e enunciados quanto sua legitimidade (no caso da medicina em nossa sociedade, estes lugares são o hospital, o laboratório, a biblioteca, dentre outros.); 3) que posições o sujeito ocupa em relação aos domínios ou grupos de objetos?; como estes percebem, observam, descrevem, ensinam, etc.; Estes três questionamentos põem o discurso novamente em um jogo de relações, uma prática que articula *status*, lugares e posições e, em plena expressão discursiva, produz um campo de regularidades para as diversas (e dispersas) posições de subjetividade (FOUCAULT, 2009, p. 60-61).

Mais uma vez, abordando agora dos conceitos, não se trata de analisar os mesmos em uma “arquitetura dedutiva” formada pelos principais conceitos. Trata-se antes de considerar as regras que tornaram possível o aparecimento e a transformação desses, em um nível que Foucault denomina de pré-conceitual. É preciso ter em mente que em cada formação discursiva os conceitos são dispostos de certa forma e utilizados conforme o campo de saber e o modo como se relaciona, se diferencia, se associa ou não a outros campos de saber (ARAÚJO, 2007, p. 93). Ou seja, devem-se definir as suas regras de formação, que os permitam relacionar a um sistema comum, sendo que este sistema “deve dar conta da emergência simultânea ou sucessiva de conceitos dispersos, heterogêneos e mesmo incompatíveis” (MACHADO, 1982, p. 164).

O último dos níveis é o dos temas e teorias, ou seja, das estratégias. Os discursos, em

amplios sentidos, fazem uso de certas organizações conceituais, agrupamentos de objetos e tipos de enunciação que formam temas e teorias (como exemplo, a teoria do parentesco para a filologia do século XIX, que ligava todas as línguas indo-européias). Como em uma mesma formação discursiva podem coexistir várias teorias, e mesmo teorias conflitantes, a análise deve definir qual é o sistema de relações que, em meio a diversas estratégias, é capaz de efetuar a unidade do discurso. A análise destas estratégias, segundo Foucault (2009, p. 73), deve determinar primeiramente os pontos de difração do discurso, ou seja, pontos de incompatibilidade entre dois objetos, dois tipos de enunciação ou dois conceitos. Em seguida, se estabelecem os pontos de equivalência, já que as teorias discordantes surgem da mesma maneira e a partir das mesmas regras. Por último, se caracterizam os pontos de ligação de uma sistematização, de níveis ao mesmo tempo incompatíveis e equivalentes, que podem formar até subconjuntos discursivos. Além disto, a questão das escolhas é central na mobilização de certos níveis, e não de outros. Escolhas que se pautam nas posições estabelecidas nas instâncias de decisão, ou seja, na apropriação dos enunciados; na relação do discurso com um campo de práticas não discursivas; e mesmo na posição do desejo, em meio às possibilidades do discurso. Escolhas estas, por fim, que não se encontram exteriores ao discurso; “não são elementos perturbadores que, superpondo-se à sua forma pura, neutra, intemporal e silenciosa, a reprimiriam e fariam falar em seu lugar um discurso mascarado, mas sim elementos formadores.” (FOUCAULT, 2009, p. 75). Ou, para concluir:

Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações. (FOUCAULT, 2009, p. 76)

Ficam claros, creio eu, após a exposição destes quatro pontos, algumas premissas centrais da noção de formação discursiva em Foucault. Uma das mais importantes é a constatação de que as regras que constroem um discurso como um sistema individualizado se apresentam sempre em um sistema de relações. Ou seja, são as relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias que possibilitam a passagem da aparente dispersão de elementos à regularidade, formando um único sistema vertical de dependência, em uma hierarquia de relações (MACHADO, 1982, p. 165). E estas relações, na medida em que formam uma regularidade em meio à aparente dispersão, são remissivas a um sistema de regras específicas que regem a formação dos discursos (FOUCAULT, 2009: 80).

Também é visível, a meu ver, após as explicitações acima, que uma das críticas muitas vezes disparadas ao método arqueológico não se sustenta. Esta crítica específica dá a entender que os discursos e seus processos de formação encontram-se demasiado distantes das realidades de que emanam. Em uma das suas muitas observações, Foucault (2009, p. 83) explicita que uma formação discursiva

não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

A partir do momento que as análises são entendidas desta forma, o trabalho do arqueólogo do saber deve ser lançado para fora do discurso propriamente dito. Ou seja, a arqueologia relaciona diferentes discursos, articulando suas formações discursivas com as

práticas econômicas, políticas e sociais (MACHADO, 1982, p. 62), mesmo que nem toda formação discursiva seja da mesma forma permeável aos acontecimentos não-discursivos. No entanto, uma deficiência da arqueologia é justamente a falta de sistematização da forma como formações discursivas e formações não-discursivas estabelecem relação, e como as regras destas relações se constroem. Por este motivo o próprio Foucault<sup>8</sup> admite que *A Arqueologia do Saber* não pode ser considerada uma teoria.

Mesmo assim, a extrema fecundidade da noção de formação discursiva não deixa de nos inquietar. Em seus principais conceitos, articula de forma original as noções de linguagem, sujeito, verdade, ciência, etc., todas tomadas como objeto de análise, e desconstruídas em relação a sua aparente “ahistoricidade”. Mobilidade, aproximações, leitura de objetos e temas isolados, possibilidades; estas são, dentre outras, palavras que perpassam a prática arqueológica.

É interessante ressaltar a grande importância que a noção de formação discursiva ganhará com a Análise de Discurso de linha francesa. Michel Pêcheux, o principal teórico desta escola, faz uso da noção de formação discursiva associando-a ao mecanismo revolucionário da luta de classes. Na formulação de Pêcheux (1988: 160), a

formação discursiva [é] aquilo que, numa formação ideológica, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Há uma clara distância nestas formulações com as de Foucault, mesmo ao nível da terminologia. Foucault (2009, p. 43) recusa, por exemplo, a própria noção de ideologia, que para ele seria demasiado carregada de “condições e consequências”, e aliás inadequada para dar conta dos sistemas de dispersão.

É interessante apontar que partem desta mesma Análise do Discurso as mais recorrentes discussões sobre o conceito de formação discursiva. Um ponto de aproximação possível é que as formulações da AD, tal qual às de Foucault, instituem o território da História como campo das formações discursivas, onde se encontra o discurso, o sujeito e o sentido (GREGOLIN, 2004, p. 90-91). Estas discussões, no entanto, se diferenciam em outros pontos. Em primeiro lugar, como fica claro na citação anterior, Pêcheux desenvolve uma crítica materialista da concepção foucaultiana de discurso, “se apropriando do que o trabalho de Foucault possuía de materialista” (apud COURTINE, 2003, p. 119). As formações ideológicas, associadas ao conceito de ideologia de Althusser, é que mobilizam as formações discursivas, entendidas mais como corpos de enunciados do que como estruturas em ação. As palavras são entendidas como a materialidade do discurso, uma base cujo sentido é atribuído pelas “posições sustentadas por aqueles que as empregam”; ou seja, pela ideologia, que faz com que “as palavras 'mud[em] de sentido' ao passarem de uma *formação discursiva* para outra” (PÊCHEUX apud GREGOLIN, 2004, p. 62). Além disso, a noção de dispersão é praticamente abandonada por estes pesquisadores.

De uma forma geral, como aponta Gregolin (2004, p. 85), Pêcheux manterá uma relação de diálogo permanente entre seu pensamento e os conceitos desenvolvidos na *Arqueologia do Saber*, seja para concordar, seja para refutá-los.

---

<sup>8</sup> “Entrevista com Michel Foucault”, por S. P. Rouanet e J. G. Merquior. In: **O homem e o discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. apud MACHADO, 1981: 166.

## Considerações Finais:

Como dito repetidas vezes acima, nem toda formação discursiva poderá se constituir em um discurso científico. Nem por isso esta mesma formação será diminuída de sua positividade, ou seja, da capacidade da prática discursiva de formar objetos, enunciações, jogos conceituais e escolhas temáticas e teóricas visando à construção de proposições (com ou sem coerência), descrições, verificações e teorias. Esta positividade, que não se confunde com a ciência (mas que pode englobá-la), Foucault denomina de *saber*. Não interessa a esta análise onde o conhecimento deveria chegar, ou de onde partiu; interessa a sua produção histórica e concreta.

Concluo este artigo com uma citação que, a meu ver, sintetiza a proposta de Foucault, bem como sua leitura por mim tentada ao longo destas páginas:

Foucault não faz história das idéias nem história das ciências, e sim a análise da possibilidade da ordem, da positividade histórica, a partir da qual um saber pode se constituir, a partir do qual teorias e conhecimentos, reflexões e idéias são possíveis. E é nesse espaço de ordem que o saber se constitui. (ARAÚJO, 2007, p. 90)

ABSTRACT: I want to, throughout this article, understand the trajectory of the method of archaeological history, built by Michel Foucault throughout their first four works, analyzing especially the work *Archaeology of Knowledge*. In this reading, to clarify some key concepts of Foucault, such as discourse, enunciation and know, to dwell in particular on the notion of discursive formation, a concept appropriated by discourse analysis (DA). The result of this reading, by outlining the four possible categories for the discursive formation, helps to understand with greater density the central concept of the analysis, as in Foucault, as in DA: the discourse.

Keywords: Foucault, Archeology of Knowledge, Discursive Formation, discourse

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueologia do saber. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. El concepto de formación discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.

FUENTE, Lisandro de la, MESSINA, Luciana. *La arqueología como método em Michel Foucault*. In: Revista Litorales. Ano 2, n°2, agosto de 2003.

- GRANJEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2004.
- GUILHAUMOU, Jacques. Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvalidação imanente. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.
- INDURSKY, Freda. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela?. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber – A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MAINGUENEAU, Dominique. Formações discursivas, unidades tópicas e não-tópicas. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PERDOMO, Camilo. Resenha: FOUCAULT, Michel. *La arqueología del saber*. México: Siglo XXI Editores, 1987.
- PETERS, Michael A., BESLEY, Tina. *Por que Foucault? - Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SOUZA, Pedro de, GOMES, Daniel de Oliveira (orgs.) *Foucault com outros nomes – Lugares de Enunciação*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2009.

RECEBIDO EM 26/03/10 – APROVADO EM 30/06/10